

Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural

Henrique Antoun

Entre duas teias

A discussão sobre a Internet dos anos 90 envolvia o debate sobre o estatuto das comunidades virtuais – se eram comunidades “por assim dizer” ou reais – e as transformações que o nascente espaço das páginas web traziam para esta realidade (RHEINGOLD, 1993); a conversa a partir do início do novo século gira em torno da Web 2.0 e dos blogs: teria a rede construído uma mídia totalmente democratizada e acessível para os homens comuns publicarem seus conhecimentos e exprimirem suas opiniões? Há mesmo quem diga que a web 2.0 é o blog e que o universo WWW começou na Internet como “web logs”: páginas hipertextuais que remetiam para os sítios e seus conteúdos. Não fosse a emergência das interfaces de redes sociais e uma vaga sensação de engodo que nos acomete, poderíamos nos entregar cegamente a esta interpretação.

Por um lado chama a atenção que no blog haja certa fusão de elementos fundamentais dos grupos de discussão com características determinantes das páginas web. Os grupos de discussão que vão emergir nos anos 80, constituindo a rede USENET e a base das comunidades virtuais então nascentes, organizavam-se em torno da partilha do conhecimento sobre algum tópico ou tema. Esta maneira de se ordenar torna as redes sociais visíveis e duradouras, contribuindo para o seu crescimento e proliferação. Diferentes das instituições ou dos grupos, as redes sociais fazem circular através de seus canais notícias, dicas, interesses no seio de uma comunidade que partilha certas atividades e age coletivamente. O canal de uma rede social é formado pela interação entre seus membros. Em termos do conhecimento, uma grande economia se faz quando os problemas da ação coletiva podem ser resolvidos de modo simples e econômico por alguma tecnologia de comunicação. As redes sociais promovem comunidades de atividade ou interesse, ao invés dos grupos de opinião da imprensa ou das massas de consumo da mídia irradiada.

Já as páginas web foram construídas a partir da necessidade de se fazer de forma simples, fácil e dinâmica a produção de um documento virtual com o material produzido de modo independente e disperso sobre certo assunto. Tim-Berners

Lee criou o universo das teias de comunicação para automatizar a confecção de documentos a partir do material espalhado na rede. Deste modo, o endereço virtual do sítio atrairia e ordenaria textos, imagens, sons e vídeos disponibilizando um documento organizado informacionalmente. As páginas web fizeram da Internet um espaço hipermediatizado, gerando um local concentrador de informações sobre alguém, algo ou algum assunto. Este espaço foi apropriado pelos participantes das comunidades virtuais, criando os sítios das comunidades ou seus anexos que disponibilizavam seus diversos materiais.

Há quem considere o sítio Slashdot o antepassado dos blogs. Neste sítio era proposta alguma discussão sobre tema ligado à tecnologia computacional, conectando alguns documentos com alguma notícia atual para propor o debate. Ele era formado por programadores envolvidos com o movimento ligado ao sistema operacional Linux e a programação com fonte aberta à modificação pelos usuários. Embora o sítio tenha começado como uma ação entre uns poucos amigos participantes do movimento open source, foi tendo sua leitura e participação ampliadas e obrigou seus criadores a inventarem modos de possibilitar essa expansão sem sacrificar seu caráter autônomo e informal. Já havia, então, o material aberto para a discussão, o espaço para que se fizessem os comentários, a enquete automatizada capaz de avaliar o valor e o peso das opiniões na comunidade, o grupo dos produtores e opinadores com valor acumulado para se tornarem moderadores temporários dos materiais diariamente propostos, as páginas para que os frequentadores pudessem dar livre vazão às suas opiniões. Mas o Slashdot não é um blog, do mesmo modo que os sítios da Amazon ou do Ebay também não o são.

Os blogs vão se tornar a principal maneira de se comunicar na Internet logo depois dos sítios e dos grupos de discussão enfrentarem seu colapso comum no seio do processo da radicalização da guerra em rede, a partir do recrudescimento do Zapatismo por um lado e dos movimentos globais de resistência iniciados em Seattle, por outro. Era como se o atentado de 11 de setembro impetrado pelo Al Qaeda revelasse um limite para a primeira Internet – vislumbrado nas violentas e intermináveis guerras verbais (flame wars), nos palhaços que falam de tudo para aparecer, nos ególatras que acham que sabem mais do que ninguém sobre algo, nos trogloditas (trolls) que gostam de ofender e humilhar os participantes das discussões característicos dos grupos de discussão, ou nas desfigurações (defacements) dos sítios por seus antipatizantes, nos ataques de negação de serviço (DDOS) aos sítios tornados alvos, nas derrubadas e seqüestros de redes, computadores e salas de bate papo (chat rooms) do universo WWW - e ao mesmo tempo apontasse a necessidade de ultrapassar esse limite com a transformação de suas

práticas. Pois desde o início a Internet permitira aos movimentos e às atividades sociais uma crescente emancipação em face das instituições e das comunidades tradicionais, permitindo que a informal fluidez do movimento social ganhasse força e duração através dos processos interativos da comunicação distribuída em rede. Mas os limites desta expressão serão apropriados pelas empresas e estados, voltados violentamente contra esses movimentos a partir do final de 2001.

Desde os 80 que os movimentos de advocacia social e a geração das organizações não governamentais estavam fortemente condicionados ao uso dos grupos de discussão e da utilização das BBS. E foi a gestão de informação impulsionada por estas redes interativas que fizeram da comunicação distribuída uma das principais armas na luta contra os governos disciplinares e as megacorporações neste período. A eficácia da reunião da ação militar desmanteladora com o controle total da distribuição da comunicação, que mantinha os governos disciplinares no bloco soviético, vai conhecer seu colapso funcional com a entrada em cena da Internet na comunicação globalizada. Por outro lado as guerras de informação dos estados e corporações contra as redes dos movimentos sociais vão esbarrar na dinâmica transversal dos grupos de discussão que vão garantir a integridade destas redes neste desigual embate.

Nos anos 90, o poder integrador das páginas web e do universo WWW trouxeram para a comunicação distribuída a reunião dos diferentes movimentos em ações coletivas, seja para empreender uma luta comum, seja para construir uma atividade comum. A dinâmica da distribuição das informações e dos debates desenvolvidos pelos grupos de discussão se alia à gestão do conhecimento como um bem comum de todos das páginas web e sítios virtuais. A paixão dispersiva das opiniões e ideologias e a paixão concentradora do consumo e dos gostos encontram sua remediação na mídia interativa de comunicação distribuída. Nasce a guerra em rede (netwar) que permite aos movimentos sociais enfrentar-se vantajosamente com estados e corporações. O movimento Zapatista nascido em 1994 será o principal exemplo deste poder e a principal escola de aprendizado para ONGs e movimentos sociais.

Duas novas modalidades de ação emergiam com a guerra em rede. A primeira nasce da reunião dos grupos de discussão com as páginas web, que vão trazer segurança para a comunicação anônima entre parceiros na rede - pois os instrumentos interativos de busca e enquete da comunicação distribuída tornam o anonimato reputável. Na medida em que me mantenho no âmbito da ação empreendida pela rede, sei que posso confiar em meu desconhecido parceiro através das informações que a rede me oferece automaticamente a seu respeito, produzidas

pele histórico de sua participação e pelas enquetes feitas com o resultado das interações passadas de outros membros da rede com ele. Este tipo de informação impulsiona as organizações sem líder (leaderless) como forma privilegiada de ordem nas comunidades virtuais. A segunda é a zoação, ou enxameamento (swarm), e o movimento de afluência (swarming) como táticas de luta. Através deste tipo de ação posso transformar instantaneamente qualquer lugar em uma praça de guerra. A rede, sobretudo a rede sem fio, permite coordenar a reunião e a dispersão dos participantes anônimos de uma ação distribuídos em pequenos agrupamentos. Como previsto no projeto original da Internet, era possível manter a segurança, o anonimato e a integridade da comunicação entre aliados em um processo de luta qualquer. O rosto eternamente encoberto do sub-comandante Marcos exprimia essas qualidades na rede zapatista, fazendo dos seus comunicados a voz anônima do coletivo, pois o rosto e a voz de Marcos eram os de qualquer um que pertencesse à rede.

Teria essa primeira web sucumbido ao seu sucesso? Pois foi o sucesso desta primeira web quem gerou a marcha Zapatista de Chiapas à cidade do México e o Fórum Social Mundial de Genova em 2001. O atentado de 11 de setembro põe este sucesso na contramão, rachando a instável aliança destes movimentos com seus participantes e a opinião pública globalizada. Um exemplo significativo desta divisão pode ser visto através do colapso do tradicional grupo de discussão formado para organizar os congressos hackers da série HOPE, em 2001/2002 sob o impacto dos efeitos do atentado. Até o congresso de 2000 a lista de discussão capitaneada pelo grupo 2600 mantinha uma coesão em suas posições; mas após o atentado o grupo rachou e os hackers a favor de cooperar com a guerra e o estado dos EUA contra os fanáticos e comunistas vai se chocar violentamente com os libertarianos anárquicos e vegetarianos índies contrários à guerra e ao governo Bush. A lista naufragou em meio ao ódio, racismo e intolerância generalizados. Para o congresso dos hackers de 2004 um blog substituiu a tradicional lista de discussão abrigando um fórum de debates. Após o atentado os grupos foram submersos pela avalanche de palhaços, ególatras e trogloditas e as páginas web sucumbiram aos desfiguradores e invasores. Isto acrescido aos spams decreta a morte da web 1.0, abrindo espaço para a nova web e seus filtros eficientes, mineração de dados miraculosa e redes sociais promissoras.

O movimento da web 2.0 começa em 2000 no blog do Cluetrain Manifest, onde publicitários, marketeiros e empreendedores pensam a Internet como um lugar capaz de revolucionar a publicidade, o marketing e os negócios desgastados com a violência e estupidez da mídia proprietária de massas e seu modelo

invasivo e esmagador. A Internet devia ser como o blog: uma plataforma onde programas open source tornariam o conhecimento de programação desnecessário e tornariam o usuário um produtor e cooperador das empresas. Na nova web a publicidade encontraria a nova voz dos grupos da cultura da mídia que transformariam a publicidade em uma honesta recomendação crítica dos usuários. Os usuários se transformariam em sócios das empresas através de sua cooperação interessada na mesma medida em que as empresas reconhecessem seu valor e garantissem sua livre expressão e participação. A cooperação, a colaboração e a livre expressão seriam os instrumentos desta nova web que uniria empresários e usuários através da livre comunicação.

Em 2003 essa nova web mostra seu poder político auxiliando os movimentos contra a guerra do Iraque a promoverem a primeira manifestação internacional descentralizada de massas através do blog do “Move On”. Pouco depois ela mostra sua força novamente, arrecadando através do blog “Dean for America” 40 milhões de dólares em contribuições de 50 e 100 dólares para o candidato à indicação do partido democrata Howard Dean. Independente de serem considerados os espaços de uma personalizada “escrita de si”, os blogs guardavam o poder organizador das páginas web reunido ao poder noticiador dos grupos de discussão. E os códigos impulsionados pelos programas de fonte aberta permitiam que novas aplicações fossem inventadas a partir dos fluxos de comunicação de base produzidos pelos usuários. Se em 2003 o New York Times vai celebrar a opinião pública global como quarto poder por sua manifestação contra a guerra, em 2006 a tradicional revista Times vai eleger o anônimo “você” como homem do ano pela cooperação generalizada promovida através da nova web entre usuários e empresas, com o YouTube sendo apresentado como principal exemplo.

Uma coisa chama de imediato a atenção: os blogs já nascem com filtros de palhaço, derrubadores de ego, pesquisadores de opinião, controladores de spam e mineradores de dados – todos os antídotos contra as mazelas da primeira web. Um sítio como o Digg pode surgir como uma promissora empresa da nova economia, tendo todo o seu trabalho realizado pela interação entre os instrumentos de classificação e enquete da interface e a produção dos blogs na web. Um trabalho inteiramente colaborativo, com a cooperação emergindo da conexão dos blogueiros com as ferramentas da interface.

A revolta no Digg quando da divulgação da chave criptográfica das mídias de alta definição revelou um estremecimento nessa imagem idílica. Em uma nova versão das antigas revoltas de trabalhadores, os “sócios”, que até então trabalhavam graciosamente para o empreendimento bilionário, resolveram pôr de

lado a cooperação e partiram para a guerra, forçando a empresa a fazer várias reviravoltas até acomodar a situação. Era como se o espírito da velha web se insurgisse e trouxesse de volta todo o conflito varrido para debaixo do flash, com direito a hackers, protestos e revoltas. A web 2.0 sempre fora um modo de exorcizar a revolução democrática despertada em Seattle. Os protestos de então traziam a Internet para as ruas, bradando contra o modelo irradiativo da indústria, do comércio, da mídia e dos governos. O atentado de 11 de setembro autorizou o forte controle dos aeroportos que bloqueou o swarming, enquanto a brutal repressão policial aos protestos e a institucionalização da tortura em Guantanamo fizeram a multidão refluir para a web javanizada.

Mas a nova aliança entre interfaces de redes sociais e blogs começa a ensaiar sua revanche, conduzindo uma revolta de dimensões planetárias que transformam Obama em candidato do partido democrata dos Estados Unidos e auxiliaram a derrota do conluio das elites católicas e da mídia proprietária de massas brasileira nas eleições de 2006. Parece que os velhos métodos de mesmerização e repetição ininterrupta não funcionam na web. Pois mesmo com os Republicanos nos EUA e os Liberais e Tucanos no Brasil despejando milhares de agentes na rede para repetir suas piadas infames contra os adversários, além de orquestrar um milionário uníssonos na mídia proprietária das massas afinado com seus interesses, as poucas vozes dissonantes existentes puderam se fazer ouvir e soaram mais fortes que a dos endinheirados. Diante disso fica difícil negar que o capital social pareça ter encontrado sua mídia na Internet para combater o capital monetário.

Da disciplina para o controle

Vive-se hoje nos escombros da disciplina, um tempo constituído pelos fragmentos de uma época cujo cristal quebrou-se e pela ebulição de uma nova época com seu cristal em formação. Este tempo de fratura é também o da ascensão da revolução eletrônica e do ocaso da revolução social. Claro está que a quebra da época disciplinar e a aurora de uma revolução eletrônica - a passagem de um diagrama disciplinar para um diagrama de controle - não aconteceu antes de nosso tempo. Mas tampouco é a primeira vez que um diagrama de poder se transforma e um estrato se quebra, forçando uma sociedade a uma reconstrução estocástica a partir dos restos da época existente anteriormente. Neste momento de ocaso da república e aurora do império, onde vigoram as mais variadas experiências de poder e saber - algumas bruxuleantes, outras bastante miraculosas, e umas autênticas miragens que se apresentam sem se poder antecipar a cristalização e a

configuração formadora da sociedade ou da época porvir - cabe perguntar por esse futuro encoberto no presente vivido.

Pensando a passagem do século XVIII para o século XIX, constata-se que nela transcorreu um processo semelhante: o diagrama da soberania vai mudar e seu estrato vai se romper, enquanto o diagrama disciplinar começa a se constituir. É interessante acompanhar o minucioso trabalho desenvolvido por Foucault sobre essa passagem, sobretudo o contraste feito entre as diferentes experiências com a classificação das formas de criminalização e os sistemas de penas idealizados e a emergência do triunfante diagrama da disciplina (FOUCAULT, 1977, p. 115-116); não por ele ser pior ou melhor que seus concorrentes, mas por ser aquele capaz de reunir a maior quantidade de diferentes interesses a um amplo e simples poder de normalização (FOUCAULT, 1977, p. 268-269). A solidez da prisão derivava do fato de ela estar enterrada no meio de dispositivos e estratégias de poder, opondo a quem quisesse mudá-la uma imensa força de inércia (FOUCAULT, 1977, p. 267-268).

Mas para tornar proveitosa essa incursão no passado deve-se, antes, lembrar que o século XIX começa com a revolução francesa, portanto antes do final do século XVIII; e que o século XX, como já foi lembrado, só começa após a guerra de 1914. Quando o século XXI vai começar realmente? Terá ele já começado de fato ou ainda se está em um prolongamento do século XX? Existe já nesta ruptura vivida algo que faça perceber o quão estranhos já fomos? Ou ainda se vive esse alongamento do tempo anterior, um pouco mais divertido pelo desmoronamento disciplinar e até certo ponto altamente atraente e gratificante pela ascensão das novas tecnologias de controle?

Equipar uma casa, por exemplo, com câmeras de vigilância é hoje tão importante quanto construir um seio, uma anca ou uma bochecha artificial. Isto não é negativo, mas imediatamente atraente. E o discurso que faz muxoxo e fala mal de tudo isto sempre soa como coisa de pobre, despertando desconfiança. Quem desdenha parece querer comprar, dizendo que as uvas estão verdes porque não pode pegar o cacho. O fato é que não se consegue classificar como esquisito, ou pouco atraente, ou mesmo horroroso ter esse acesso direto, ou a sua promessa, através da tecnologia. Um acesso muito prometido e desejável daquilo que até então nos estava impedido: invulnerabilidade, impunidade e imortalidade. Quem sabe se não se quer acabar transformado em fogo fátuo, tão móvel quanto o próprio celular ou o perfil informático construído a partir das inclinações, hesitações e decisões?

Essas possibilidades não são vistas de imediato como algo incômodo, antes a primeira preocupação é a de qual será o seu custo. De quanto dinheiro se irá

precisar e quantos possuirão essa quantia? São estas as questões que atormentam. Será que isso será tão barato que todos poderão usar? Ou isto será o privilégio de uma vasta minoria, condenando uma bilionária maioria a se tornar criaturas de uma espécie diferente, vítimas da divisão digital?

Entretanto ainda não apareceu em nenhum momento uma experiência que faça olhar todas essas transformações e dizer: mas isso é terrível! Esta exclamação implicada no acontecimento da quebra do diagrama disciplinar obriga a perguntar sobre o que aconteceu, motivando essa perturbadora constatação? A fuga da disciplina é uma experiência bastante diferente da resistência. Enquanto o diagrama disciplinar vigorou, quando a resistência se aliava à fuga, o indivíduo era confinado nas instituições-limite – a cadeia, o hospício e o hospital – sendo recompensado com sua aniquilação. A tentativa de fuga, portanto, não se mostrava como algo socialmente atraente. Já a quebra da disciplina nos anos 60 se fez com o abandono da higiene, da casa, da escola e do emprego. Tudo o que era passível de submeter alguém ao exame disciplinar foi paulatina e massivamente eliminado pelos jovens e pelas mulheres (NEGRI e HARDT, 2001, p. 281-300).

Destas experiências vem a constatação do exame disciplinar como quem promovia a passagem do diagrama do poder da virtualidade para a atualidade. Sem ele a vigilância e a sanção são inaplicáveis. O que aconteceu com o principal aparato de poder do dispositivo disciplinar? De repente o exame tornou-se inaceitável e ninguém queria submeter-se a ele. A constância do exame gerava o indivíduo e a história simultaneamente. O corpo via-se dotado de uma história gerada pelos diferentes exames e se individualizava como o possuidor de tal história. O fim do exame coincide com o fim do indivíduo e da história?

A disciplina só se quebra quando fica por demais evidente aquilo que ela pode realizar de negativo. Quando assistimos ao espetáculo do acusado que faz uma autocrítica para depois ser fuzilado, ou o dos que devem cavar sua sepultura para serem eliminados, após construir o campo onde serão mortos. Nestes momentos a disciplina se torna profundamente incômoda e perturbadora. Não se trata de considerar a visibilidade da disciplina como fato histórico, mas como uma obscenidade imediata, fazendo com que uma nova geração não acredite que valha a pena investir nela e procure outros poderes para se aliar. Poderes que possam tratá-la um pouco melhor ou pelo menos de modo diferente.

O diagrama se quebra quando não tem atrativos a apresentar para aqueles que irão sofrer a sua ação. Nesse sentido sua implosão é mais um acontecimento intuitivo e perceptual do que um fato histórico. Porque o diagrama do poder não é auto-suficiente, mas virtual e abstrato em grande medida. Para funcionar ele

precisa de investimento; ele precisa que se o queira e se o veja como algo interessante.

O mundo do Super-Homem

O curioso na relação da passagem do século XIX para o XX é a invariância do diagrama. A grande mudança diagramática é a ocorrida na passagem do século XVIII para o XIX. Entretanto, algo muda na passagem do século XIX para o XX, mudança assinalada por duas grandes guerras.

Um dos fatores que assinala essa mudança é da ordem da mídia. Trata-se da passagem da mídia impressa para a mídia irradiada. A imprensa é a mídia ideológica por excelência, geradora da voz própria na literatura e da voz pública no jornal. Ela é geradora do enfeite espiritual, da confecção da boa alma necessária para o funcionamento da ficção partidária. Esse quadro muda com a entrada em cena da mídia de massa. A mídia irradiada do rádio e do cinema constrói a experiência da massa e faz valer o impacto da massa para as individualidades personalizadas da imprensa. O despertar do povo consciente se choca violentamente com a mesmerização das populações e fabricação em série das consciências.

Com o jogo das massas está emergindo um novo dispositivo de poder que, ao invés de investir o corpo e sua anatomia, investe a vida e o movimento das populações. Foucault trabalha essa emergência como o processo que vai levar à quebra do diagrama disciplinar e realizar a construção do biopoder e da biopolítica. Nesse início do século XX nascem a cibernética, o design, a informática, a microfísica; toda uma série de saberes que hoje constituem a face estratificada do diagrama do controle onde vigoram as novas relações de poder e suas resistências.

O curioso a respeito disso é saber se é possível antecipar em alguma medida, já na emergência de um diagrama, o seu efeito mais deletério. A autocrítica política não deixa de ser uma auto-imolação em nome do enfeite de consciência da ideologia; tão obscena quanto o gesto obediente do corpo disciplinado que constrói o campo que vai matá-lo. Seria possível, já no final do século XVIII, enxergar os genocídios do campo de extermínio e da autocrítica stalinista na construção do diagrama disciplinar? Ou apenas se apresenta das novas relações de poder a face da festa do fim da soberania? Pode-se vivendo neste tempo enxergar o que ele teria de tão terrível e de tão deletério ligado às práticas do controle? Ou só se pode encontrar a sua positividade, a alegria do espetáculo que celebra em milhões de sensuais decibéis a destruição da disciplina entoando o cântico libertário da revolução eletrônica? Pergunta-se: pode-se enxergar a fatalidade antes de sua

efetuação? É possível essa visão do presente que o próprio presente oculta? Existe algum tipo de ação capaz de conjurar esse fado que melhor se esconde, expondo-se obscenamente? Ou ele é de natureza trágica e melhor se realizará quanto mais se tentar fugir dele?

Qual é o preço que se paga por antecipações indesejáveis? Quanto custa ficar atrapalhando a festa em um momento em que nada de errado parece acontecer nela? Afinal, o mundo do controle é o do super-homem, aquele que Nietzsche cantou, e a esquerda pensante francesa nos anos 60 celebrou, vendo na morte do homem uma grande festa. Se o homem nasce com a disciplina, as lutas anti-disciplinares começam nos anos 60 e culminam em 89 com o fim do estado Soviético.

Junto com isso desaparecem também o indivíduo e a história, pois ambos eram produzidos pelo exame disciplinar. O que a própria disciplina produzia não pode mais existir se ela se quebra, entrando nesse tempo de transição. Entretanto fala-se como se a disciplina não tivesse acabado, como se ainda existissem indivíduos que ainda têm uma história. Ou se cai nas hipóteses de super-vigilância, ou se afunda nas do sujeito débil. Há sempre categorias que parecem hiperbólicas demais ou insuficientes demais; ao invés de serem esquisitas demais, elas se revelam familiares demais para poderem ser ainda aceitáveis.

O banco de dados ainda é o da disciplina. Mas ele não modula mais os exames sofridos pelo corpo – feitos pelos médicos, professores, chefes, oficiais –, gerando para esse corpo uma história que lhe empresta a individualidade. O exame foi substituído pelos programas e processamentos. A grande novidade, hoje, emerge com a mina de dados, porque ela extrai dos fluxos de informações móveis os bancos de dados dinâmicos e auto-reguláveis. A mina de dados é completamente opaca, completamente invisível para o sujeito. Ela se faz com agentes de rede que trabalham sem cessar o fluxo de dados, procurando através da conexão dos dados formar instantaneamente grupos em uma multidão qualquer, tornando essa multidão interativa. Não é mais a história o que interessa para operar a sociedade. Muito mais importante é o quanto se pode adivinhar a partir dos padrões gerados pelas minas de dados nos fluxos de informação. Importa saber o que se pode esperar de alguém que é visto em algum lugar determinado, a partir daquilo que ele apresentar diante do olhar, utilizando-se os padrões preditivos existentes sob a forma de perfis. O entendimento deixa de ser uma questão hermenêutica para se tornar oracular.

A passagem para a mina de dados transforma o rastro do registro que anteriormente constituía o material da história. Na medida em que é tomado em

uma simultaneidade multitudinal, ele vai constituir uma cauda longa ilimitada capaz de ordenar os nichos de interesse. Essa cauda longa está se tornando a grande excitação do comércio eletrônico e o terrível pesadelo dos modos massivos de promoção e venda. O rastro de tudo o que é produzido - e não desaparece mais no lixo - vai criando uma cauda imanente e interminável que pesa cada vez mais na organização da distribuição da produção. Os confrontos entre os modos de venda massivos e os de rede têm feito essa cauda agitar-se violentamente nas guerras do controle. É necessário que se possa de algum modo reinserir essa cauda na ordem da consumação (ANDERSON, 2006) sob o risco de que ela acabe por reconduzir para as cavernas ou para as árvores.

O super-homem precisa ser pensado hoje, portanto, no registro do duplo monstruoso. Ele é um filho de Pierre Ménard e não de Cervantes. Se por um lado não se pode negar sua presença e seu vigor, por outro já vai longe o tempo em que sua chegada justificava o festejo (DELEUZE, 1988, p. 142). O novo sujeito é herdeiro em alguma medida do preconizado por Nietzsche, Foucault, Deleuze; mas de modo algum é o que se esperava gestar na luta contra a disciplina. Ele brotou do útero das lutas contra a disciplina, mas gira oscilante entre a participação na ação coletiva e a vigilância dos monitoramentos informáticos tal um peão desgovernado.

Referências

- ANDERSON, C. *A Cauda Longa: do Mercado de massa para o Mercado de nicho*. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- ARQUILLA, J. e RONFELDT, D. Cyberwar is Coming. *Comparative Strategy*, ano 12 n. 2, 1993, p. 141-165.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber: História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- NEGRI, A. e HARDT, M. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- RHEINGOLD, H. *The Virtual Community: homesteading on the electronic frontier*. Nova Iorque: Harper Collins, 1993.

■.....**Henrique Antoun** é Doutor em Comunicação (ECO/UFRJ, 1993), Pós-Doutor em Comunicação (Universidade de Toronto, 2006), Professor e Orientador da Linha de Pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas e Pesquisador do CiberIdea – Núcleo de pesquisa em tecnologia, cultura e subjetividade do PPGCOM da UFRJ. E-mail: antoun@ufjf.br

